

Sobre um psicanalista na educação

Marques Zanforlin Pires de Almeida, Inês Maria

Sobre um psicanalista na educação

Linhas Críticas, vol. 27, e37368, 2021

Universidade de Brasília, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193567258023>

DOI: <https://doi.org/10.26512/lc.v27.2021.37368>



Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons Atribución 4.0 Internacional.

Sobre um psicanalista na educação

Sobre un psicoanalista en la educación

On a psychoanalyst in education

Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida
Universidade de Brasília, Brasil, Brasil
almeida@unb.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1292-7327>

DOI: <https://doi.org/10.26512/lc.v27.2021.37368>

Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193567258023>

Rosado J., Pessoa M.. As abelhas não fazem fofoca: estudos psicanalíticos no campo da educação. 2021. Instituto Langage

Recepción: 07 Abril 2021

Aprobación: 03 Mayo 2021

Publicación: 02 Julio 2021

ROSADO, J., & PESSOA, M. (ORGS.). (2021). AS ABELHAS NÃO FAZEM FOFOCA: ESTUDOS PSICANALÍTICOS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO. INSTITUTO LANGUAGE.

A publicação desta coletânea, com artigos elaborados por pesquisadoras e pesquisadores brasileiros orientados pelo professor Leandro de Lajonquière no período de 2016-2020, tem duplo propósito: compartilhar seus ensinamentos e prestar homenagem por ocasião do seu sexagésimo aniversário.

O título recoloca alegoria utilizada em *Figuras do Infantil* (Lajonquière, 2010) ao contrapor ambiguidades, equívocos e mal-entendidos inerentes ao campo da fala e da linguagem humanas à “comunicação consistente” das abelhas, que veiculam às outras apenas informações precisas obtidas em viagem de reconhecimento; em suma, elas “não fofocam”.

Integrado à apresentação do livro, o texto *De um psicanalista na Educação* configura-se narrativa autobiográfica de Lajonquière sob epígrafe dedicada à memória de antigo professor de juventude. Ao percurso docente iniciado com a experiência em escola primária da periferia bem pobre de Rosário (Argentina) à docência e pesquisa universitária nas universidades de Rosario, Campinas, São Paulo, Caen e Paris, acrescenta à formação de psicanalista com mais de uma centena de publicações, como autor único.

Dos três livros publicados pela editora Vozes, o primeiro foi organizado a partir da tese de doutoramento intitulado *De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens – A (psico) pedagogia entre o conhecimento e o saber* (Lajonquière, 1993), e teve 15 edições. Após revisão na 16ª edição, renomeado *De Piaget a Freud: para uma clínica do aprender* (Lajonquière, 2013), o autor acrescentou na apresentação o texto-diálogo *Para ler de Piaget a Freud*. O segundo livro, *Infância e Ilusão (Psico) Pedagógica: Escritos de Psicanálise e Educação* (Lajonquière, 1999), e o terceiro *Figuras do Infantil: a psicanálise na vida cotidiana com as crianças* (Lajonquière, 2010).

Participante ativo em debates e seminários que considera momentos importantes para “calibrar” velhas ideias e/ou retomar posicionamentos sobre temas mobilizadores de sua caminhada: o lugar da escola no imaginário social e, em particular, na vida de uma criança, a dobradura do pensamento conhecimento/saber, o “ensino tradicional” versus “respeitar a singularidade e o trabalho professoral”, a assimetria constitutiva do laço educativo expressa no “aprende-se por amor, ensina-se por dever”, dentre outras.

Toda formação intelectual que se preze, assinala Leandro parafraseando Lacan, implica autorizar-se de si mesmo junto a outros, portanto, indissociável do reconhecimento da dívida simbólica para com os mortos e vivos que nos precederam na singela experiência de vir a conquistar “por si” e “para si” um lugar de palavra numa história em curso. Todo discípulo deve pagar o preço simbólico exigido na filiação, para poder advir

em um lugar de suposta mestria. O ideário pedagógico tecnocrático, infelizmente hegemônico em nosso país, nada quer saber disso. No atual momento histórico, aquilo que Lajonquière qualifica de a pergunta que não quer calar “em função de quais sonhos os pais confiam seus filhos a adultos não familiares?” é mais do que pertinente. Temos de fato clareza em nosso país, que a atuação dos professores é indissociável do estofo reservado à palavra escolar nos sonhos de uma nação?

Importante reconhecer que ensinamentos de Lajonquière inscreveram-se em minha trajetória educadora e pesquisadora acadêmica, com inegáveis repercussões na orientação de dissertações e teses no campo dos estudos psicanalíticos em Educação.

Refletindo o tempo histórico das produções em meio à pandemia causada pela Covid-19, as leituras provocativas dos textos da coletânea nos colocam em consonância com as análises apresentadas quando estamos vivenciando no Brasil a oferta da educação a distância ou ensino remoto como única possibilidade para a continuidade do funcionamento da escola, fio condutor dessa resenha.

Nesse contexto, apesar das históricas desigualdades sociais e dificuldades operacionais e/ou recursos tecnológicos, as famílias mobilizam-se para atender os filhos nas tarefas escolares e nessa situação inusitada, constata e vivencia a complexidade do trabalho docente, os desafios e as dificuldades da profissão, não apenas em função desse momento.

De outro modo, importante registrar que o acesso aos diferentes meios de comunicação, redes sociais como *WhatsApp*, oportunizam compartilhar relatos ou depoimentos em mensagens emblemáticas que nos permitem reconhecer os efeitos da implicação professoral da palavra na relação com o aluno, para além da ilusão psicopedagógica dos métodos e técnicas de ensinar.

Essa leitura permite melhor compreender o contraditório e reforçar a luta no enfrentamento à meta de governo do presidente Jair Bolsonaro pela regulamentação da educação domiciliar (*homeschooling*) no Brasil, sob argumentos da ineficiência do ensino na escola pública, da proteção contra a violência que ameaça estudantes, e mais determinante “a ideológica”, pelo confronto de valores da família e do Estado.

Os Ministérios da Educação e da Mulher, Família e Direitos Humanos preparam-se para retomar o projeto que, levado à máxima instância do poder judiciário, o Supremo Tribunal Federal (STF), em 2018, por ampla maioria decidiu não reconhecer o *homeschooling* como prática substitutiva à escolarização de crianças e adolescentes, reafirmando que, em um Estado de direito, o poder público é a instância que cumpre e deve assegurar o cumprimento das virtudes cívicas: tolerância, respeito mútuo e compromisso com a igualdade e dignidade humana. Uma decisão histórica que nos remete a Lajonquière (2019, p. 313):

Sem o sonho justo de uma escola para todos, não há escola para ninguém, embora possa haver simulacro escolar para alguns poucos. É em nome de um moderno sonho de justiça que os saberes escolares são suscetíveis de ser transmitidos. É em seu nome que a escola é suscetível de dar chances a uma criança de vir a se dizer no mundo dos homens de outra forma, diferente daquela suposta quando chegara à vida.

Ainda mais, em nosso país, deparamos com a difícil equação docência e vocação quando se trata de demarcar a natureza profissional, em detrimento da vocação, ao alertar para precárias condições laborais dos professores em pleno século XXI. No imaginário pedagógico brasileiro, subsiste a percepção do professor como sujeito insuficiente para ensinar, sempre algo “falta” em sua formação, currículos dos cursos em constantes discussões e reformulações a depender do governante de plantão, mais grave quando o próprio professor assume essa condição no chamado “mal-estar docente”.

No tempo em que vivenciamos o século das modernas competências, habilidades para docentes e discentes, reconhecemos que ainda permanece a crença na existência de um “ideal do ser e fazer docentes”, alimentada pela ilusão psicopedagógica com novas técnicas ou métodos de ensino que fazem cessar o sonho, levam ao silenciamento da palavra professoral e provocam o apagamento do sujeito. Coordenadas simbólicas que atravessam e repercutem nos relevantes trabalhos dessa publicação.

No livro *As abelhas não fazem fofoca: estudos psicanalíticos no campo da educação* (Rosado & Pessoa, 2021) encontra-se o quadro de produções dos orientandos apresentado em quinze artigos, que mesmo elaborados

a partir de diferentes temas, transmitem marcas, repercutem ensinamentos do professor Lajonquière, explicitando incontestemente filiação e pertencimento a uma tradição. Para efeito de organização, foram divididos em três eixos semânticos: Da Docência, Da Inclusão e Da Linguagem.

Da Docência, primeira parte, compõe-se de sete artigos que evidenciam confluência e articulação à implicação subjetiva do docente no ato educativo. O eixo demarca o desejo de saber na centralidade do processo ensino-aprendizagem. O lugar de uma escola para todos, configurada no sonho e/ou utopia perpassa os escritos e se sustenta na diversidade dos cenários e diferenças de olhares.

Da Inclusão, segunda parte em cinco artigos que abordam algumas das questões que emergem com a entrada na escola de crianças que, por diferentes razões, eram interditadas de frequentá-la. Neste eixo, inscrevem-se trabalhos que se diversificam e de alguma forma se complementam.

Da Linguagem, a terceira parte do livro, compõe-se de três artigos, produzidos a partir da premissa de que tanto a experiência freudiana quanto a educação são unicamente possíveis no interior do campo da fala e da linguagem. Explicita-se, com meridiana clareza, a analogia inscrita no título do livro sobre abelhas e humanos.

Público-alvo e recomendações: aos professores atuantes, em formação inicial e/ou continuada, pesquisadores interessados em questionar o reducionismo tecnicista que se impõe nos estudos e debates pedagógicos atuais, bem como aos psicanalistas interessados em prolongar o sonho freudiano de se manter viva a interrogação da incidência da psicanálise no social, recomendamos fortemente a leitura deste livro.

REFERÊNCIAS

- Lajonquière, L. (1993). *De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens: A (psico) pedagogia entre o conhecimento e o saber* (15ª ed.). Vozes.
- Lajonquière, L. (1999). *Infância e Ilusão (Psico) Pedagógica: Escritos de Psicanálise e educação*. Vozes.
- Lajonquière, L. (2010). *Figuras do infantil: a psicanálise na vida cotidiana com as crianças*. Vozes.
- Lajonquière, L. (2013). *De Piaget a Freud: para uma clínica do aprender*. Vozes.
- Lajonquière, L. (2019). Quando o sonho cessa e a ilusão psicopedagógica nos invade, a escola entra em crise. Notas comparativas Argentina, Brasil, França. *ETD - Educação Temática Digital*, 21(2), 297–315. <https://doi.org/10.20396/etd.v21i2.8651506>
- Rosado, J., & Pessoa, M. (orgs.). (2021). *As abelhas não fazem fofoca: estudos psicanalíticos no campo da educação*. Instituto Langage.

ENLACE ALTERNATIVO

<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/37368> (pdf)